



O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”¹

¡EL CUERPO DE LAS ARTES LATINAS (ESCÉNICAS) TODAVÍA ES RAZÓN Y EMOCIÓN! “Cuando toda esta mierda explote, entonces quiero ver!”

THE BODY OF LATIN ARTS (PERFORMING) IS STILL REASON AND EMOTION! “When this whole fucking thing explodes, I want to see it!”

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

Resumo: Pensar em corpo específico de uma linguagem de arte ainda é pensar em um corpo

¹ Este texto está vinculado aos projetos de pesquisas – projeto “**Arte, Cultura e História da Arte Latinas na Frontera**: “Paisagens”, Silêncios e Apagamentos em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses”, vinculado à FAALC/UFMS como estágio de Pós-doutoramento no Programa Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, e ao projeto “**Arte e Cultura na Frontera**: “Paisagens” Artísticas em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses”, vinculado à PROPP/UEMS – que são cadastrados junto ao NAV(r)E-UEMS/CNPq.

² Marcos Antônio Bessa-Oliveira é professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Campo Grande na Graduação em Artes Cênicas e no PROFEDUC – Mestrado Profissional em Educação. É líder do Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas (UEMS/CNPq); é membro dos Grupos de Pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados (UFMS/CNPq) e Grupo de Pesquisa Estudos Visuais (UNICAMP/CNPq). marcosbessa2001@gmail.com.

disciplinado e domesticado na distinção entre razão e emoção como pensado pelo projeto moderno cartesiano! Um corpo disciplinado aqui é um corpo físico ainda que com sensações. Considerando essas questões, penso e resisto na ideia de que o corpo das artes (cênicas) latinas, em geral, ainda é um corpo div(i)(en)dido na presença da “cena” artística brasileira. Do “corpo” que tomo para argumentar a insistência dessa dualidade na arte brasileira, mesmo contemporânea, epistêmico decolonial, entende-se que corpo ainda é “conceito” a ser compreendido para além do “corpo dócil” como “corpo-político” (Foucault), mas estaria inscrito na noção de “corpo-política” (Mignolo) em que razão e emoção são indissociáveis no fazer, no pesquisar e no ensinar arte, pois esses estariam vinculados à noção de que nenhum corpo pode/deve ser domesticado disciplinarmente. Melhor dito, não há “técnica” ou “não-técnica” artísticas ocidentais que não domesticuem o corpo no *cogito* razão e emoção. Assim, quero evidenciar na discussão que todo *ser, sentir e saber* ocidentais ainda estão ancorados na ideia de que o corpo (negro, homo, feminino, pobre – da exterioridade –, entre outros) deve sofrer com *se*-parações na arte.

Palabras-chave: Corpo epistêmico. Corpo-arte. Corpo-conhecimento. Corpo-*biogeográfico*.

Resumem: Pensar en un cuerpo específico de un lenguaje artístico sigue pensando en un cuerpo disciplinado y domesticado en la distinción entre razón y emoción como se piensa en el diseño cartesiano moderno! Un cuerpo disciplinado aquí es un cuerpo físico aunque con sensaciones. Teniendo en cuenta estas cuestiones, pienso y me resisto a la idea de que el cuerpo de las artes latinas (escénicas), en general, sigue siendo un cuerpo div(i)(en)dido en presencia de la escena artística brasileña. Desde el “cuerpo” que tomo para argumentar la insistencia de esta dualidad en el arte brasileño, incluso contemporáneo, epistémica decolonial, se entiende que el cuerpo sigue siendo “concepto” para ser entendido más allá del “cuerpo dócil” como “cuerpo-político” (Foucault), pero estaría inscrito en la noción de “cuerpo-política” (Mignolo) en el que la razón y la emoción son inseparables en hacer, investigar y enseñar arte, porque estos estarían vinculados a la noción de que ningún cuerpo puede/ debe ser domesticado disciplinario. Mejor dicho, no hay artes occidentales “técnicas” o “no técnicas” que no domesticuen el cuerpo en razón y emoción. Entonces, quiero mostrar en la discusión que cada *ser, sentimiento y conocimiento* occidentales todavía están anclados en la idea de que el cuerpo (negro, homosexual, femenino, pobre, del exterior, entre otros) debe sufrir *se*-paraciones en el arte.

Palabras-chave: Cuerpo epistémico Body-art. Conocimiento-corporal. *Biogeografía*-corporal

Abstract: To think of the specific body of an art language is still to think of a disciplined and tamed body in the distinction between reason and emotion as thought by the Cartesian modern design! A disciplined body here is a physical body yet with sensations. Considering these questions, I think and resist the idea that the body of the (scenic) Latin arts, in general, is still a body dived in the presence of the Brazilian artistic “scene”. From the “body” I take to argue for the insistence of this duality in Brazilian art, even contemporary, epistemic decolonial, it is understood that the body is still a “concept” to be understood beyond the “docile body” as a “political body” (Foucault), but would be inscribed in the notion of “body-politics” (Mignolo) in which reason and

emotion are inseparable in doing, in researching and teaching art, for these would be bound to the notion that no body can/should be domesticated disciplinarily. In other words, there is no western “technical” or “non-technical” art that does not domesticate the body in the cogito reason and emotion. Thus, I want to point out in the discussion that all Western *beings, feelings* and *knowledge* are still anchored in the idea that the body (black, homo, feminine, poor - of exteriority, among others) must suffer with seizures in art.

Keywords: Epistemic body. Body-art. Body-knowledge. Body-*biogeographic*.

INTRODUÇÃO – Pensamentos preliminares sobre um “não-corpo”!³

Aqui, toda mulher tem guardado dentro de si um monte de bomba. Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!” (Não me lembro da autoria, mas ouvi a frase no início do ano 2019).

Para o que interessa aqui, entre seus elementos principais é pertinente destacar sobretudo o dualismo radical entre “razão” e “corpo” e entre “sujeito” e “objeto” na produção do conhecimento; tal dualismo radical está associado à propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social, seja em sua versão a-histórica, que percebe isolados ou separados os fenômenos ou os objetos e não requer por consequência nenhuma idéia de totalidade, seja na que admite uma idéia de totalidade evolucionista, orgânica ou sistêmica, inclusive a que pressupõe um macrossujeito histórico. (QUIJANO, 2002, p. 5)

A ideia de que existe um padrão de corpo assombra homens e mulheres desde que nos compreendemos pecadores. As distinções entre o que é um corpo e o que não é um corpo têm levado a quase todos às academias, de ginásticas ou educativas, levado diferentes corpos às diferentes mesas de cirurgias. Mas, ainda, a preocupação entre ter ou de que não tenho um corpo perfeito parece que não levou ao latino-americano, especialmente ao brasileiro, a compreender-se capaz de ser e que tem um corpo: distinto de qualquer padrão, mas que é de qualquer

³ Uma primeira versão deste artigo – “O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção!” – foi apresentada na **Jornada Internacional Atuação e Presença**: Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas, realizada pelo LUME – UNICAMP de 19 a 22 de fevereiro de 2019, e publicado nos **Anais do Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas**.

forma um (seu) corpo. Assim, em meio à diferença do corpo-mulher e o corpo-homem, um corpo-magro para um corpo-gordo, um corpo-alto para o corpo-baixo, que são algumas das básicas diferenças entre os padrões físicos dos corpos visíveis impositivas, mas que não se resumem a tais, ter um corpo diferente é ser assombrado pelo padrão de corpo estabelecido na consciência de/para homens e mulheres desde que se descobriu a árvore com frutos proibidos no paraíso católico-cristão. A consciência do corpo enquanto aparato de lazer, de trabalho, de criação, de ser, de sentir e de saber – entender que “tem” esse corpo dentro ou fora do padrão – fez do homem e da mulher sujeitos subjulgados às características estabelecidas para o corpo.

Por certo, não apenas concerne esta discussão ao “dualismo radical entre “razão” e “corpo” e “objeto” na produção do conhecimento” (2002, p. 5) como destacou Aníbal Quijano, mas também ao dualismo que contempla o saber que se “tem”, o de ter que ter ou que tem consciência de que “tem” um corpo; indistintamente de padrões ou não estabelecidos para o corpo. Se posso dizer também que o padrão de corpo instituído é *homogeneizante de seu modo de definir e identificar* “O” corpo que não está, é ou pode vir a ser o corpo do latino-americano, brasileiro, sul-mato-grossense, por exemplo, mas igualmente do indígena, da mulher, do negro, do(a) trans, do(a) gay, entre outros corpos da diferença colonial, os que não produzem arte, cultura e conhecimentos. Do mesmo modo é possível reforçar a noção de que a consciência de que “ter” esse ou aquele corpo provoca a *propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social* o seu corpo- defeituoso: o corpo que não contempla o padrão, mas que, infelizmente “é o que tem pra hoje!”. Logo, “(in)conscientes” desse corpo o latino-americano *requer* para “seu” corpo *uma idéia de totalidade* de corpo *evolucionista, orgânica ou sistêmica*, na produção de arte, na cultura, na educação e na produção de conhecimentos, *inclusive a que pressupõe um macrossujeito histórico* que é quem estabeleceu o suposto corpo-padrão.

Minhas argumentações aqui, por conseguinte, tomam do princípio de que nossos corpos ainda são colonizados! Masculino X Feminino; Baixo X Alto; Gordo X Magro; Dança X Não Dança; Velho X Novo; Atua X Não Atua: esses e outros padrões são conceituações que estabelecem delimitações na atuação do corpo na cultura ocidental. Delimitação para corpos neg(r)ados pelos sistemas homogeneizadores. Mas não somente. Nossa cultura, nossa produção artística, nossas reflexões e nosso modo de ensinar Arte são colonizados e totalizantes.

Nosso fazer, nosso saber, nosso sentir igualmente o são homogeneizados. Por fim, nossos pensamentos e imaginários são colonizados pelos projetos Moderno Europeu e Pós-moderno Estadunidense. Desta forma, parece inconcebível, na noção de cultura ocidental que temos implantada em nosso imaginário, conceber um corpo não-ocidental e não-disciplinado. Um corpo que pensa e é por suas próprias razões e emoções um corpo. Ou como vou nominar, uma espécie de ser corpo sendo um não-corpo em relação ao padrão-corpo imposto pelo pensamento ocidental colonial presente na cultura que ensaja nosso corpo!

Quanto nosso continente sul-americano tem a nos oferecer. Do Altiplano ao Pacífico, da Terra do Fogo ao Mar do Caribe. No meio do nosso coração, o Altiplano boliviano. Quanto nosso continente sul-americano ofereceu ao mundo. Milho de todas as cores e tamanhos, batata, tomate, quinoa. Sem a agricultura andina, os europeus teriam morrido de fome. Tanto conhecimento ancestral. A arquitetura, a tecelagem, a astronomia, a sofisticada linguagem matemática expressa no kipus, ainda indecifrável para nós, pobres analfabetos das mentes colonizadas. E a sabedoria da montanha, das águas, das pedras, dos animais e vegetais. Toda uma filosofia, todo um conhecimento que só agora começamos a entender. Os segredos da Pachamama. A inteligência da Mãe Terra.

E tudo foi apresentado para mim em um toque com as mãos, olhos e ouvidos. Isso é descolonização, da razão e dos sentidos. Foi o que aconteceu comigo. É o que pode acontecer com cada um de nós. (TURINO, 2013, p. 7-8)⁴ (Tradução livre minha)

87

Por conseguinte, parece-me que não concebemos um corpo que é, sente ou sabe de si – um corpo para além do corpo ocidental (re)conhecido – que não esteja ancorado à ideia de que o corpo (negro, homo, feminino, pobre – da exterioridade – desgraçado porque não é um corpo concebido por Deus (cristão, branco e de

⁴ “Cuanto este nuestro continente sudamericano tien a ofrecer-nos. Del Altiplano al Pacifico de la Tierra del Fuego al Mar Caribe. En el medio nuestro corazón, el Altiplano boliviano. Cuanto este nuestro continente sudamericano ofreció al mundo. Maíz de todos los colores y tamaños, papa, tomate, quinua. Sin la agricultura andina los europeos hubieran muerto de hambre. Tanto conocimiento ancestral. La arquitectura, el tejer, la astronomía, el soficado lenguaje matemático expresado en los kipus, aun indescigrables para nosotros, pobres analfabetos de mentes colonizadas. Y la sabiduría de la montaña, de las aguas, de las piedras, de los animales y vegetales. Toda una filosofía, todo un conocimiento que sólo ahora empezamos a comprender. Los secretos de la Pachamama. La inteligencia de la Madre Tierra.

Y todo fue presentado a mí en un toque con las manos, ojos y oídos. Eso es descolonización, de la razón y de los sendios. Fue lo que pasó conmigo. Es lo que puede pasar con cada uno de nosotros.” (TURINO, 2013, p. 7-8)

olhos azuis) –, entre outros) que deve ter em si todo sofrimento de ser esse corpo sem graça, da desgraça de ser, sentir e saber e que, por isso, ao pensá-lo na/sobre/da arte, deve sofrer com *se*-parações. Esse corpo, então, deve ser posto no palco atrás da cena do corpo que bem atua; deve ser castigado na sala de aula, pois não aprende e não desenvolve as atividades que domesticam e domam os corpos; e são corpos que não devem ser pesquisados já que não são corpos que produzem conhecimentos que mereçam atenção. Este assunto é, por essas e outras questões que serão arroladas aqui, absurdamente necessário tendo em vista que paira sobre o (in)consciente ocidental o manto sagrado da salvação do corpo: branco, hétero (fálico) e europeu!

Mas esta terra doadora, também foi vítima de uma colonização perversa, que tudo se extraía, sem sentir nada. Com o tempo formou-se uma elite com os olhos voltados para fora, portanto insensível e exploradora. Da abundância da terra confundida com o paraíso até a má distribuição odiosa e iníqua desses recursos; da elite saciada ao povo maltratado. Por essa razão, descolonizar mente e corpo. Descolonizar para Reconectar. Reconectar para integrar. Integrar para libertar. E, quando libertar-se, trilhar caminhos diferentes. Novos modos antigos, olhando para nós mesmos, um olhar de dentro para fora, unindo cérebro e vísceras, coração e razão. (TURINO, 2013, p. 8)⁵ (Tradução livre minha)

Não apenas a terra, mas a alma, o corpo e o coração do homem encontrado nas *Terras Brasilis* em 1500 foram usurpados de si próprios. Arrancaram-nos os corpos indígenas, ainda que esses estivessem em terras brasileiras (suas terras), de seus lugares e os tornaram prisioneiros dentro de suas próprias regras políticas, sociais e culturais: a favor de uma política de corpo branca e europeia. Contrária à corpo-política como razão de sobrevivência das diferenças. Os que trabalharam ainda eram salvos, os que aprenderam o cristianismo também foram salvos, os que reproduziram foram tornados salvos pelos poderes dos que os estupraram e os que desobedeceram foram, literalmente assassinados ou escravizados. De modo

88

⁵ “Pero esta tierra dadivosa, también fue víctima de una colonización perversa, que todo extraía, sin nada sentir. Con el tiempo se formó una elite con ojos hacia fuera, por eso insensible y aprovechadora. De la abundancia de la tierra confundida con el paraíso a la odiosa e inicua mala distribución de estos recursos; de la elite saciada al pueblo maltratado. Por eso, descolinar mente y cuerpo. Descolonizar para Reconectar. Reconectar para integrar. Integrar para libertar. Y, al libertarse, trillar caminos distintos. Nuevos viejos caminos, mirando a nosotros mismos, una mirada desde adentro hacia fuera, uniendo cerebro y vísceras, corazón y razón.” (TURINO, 2013, p. 8)

obrigatório também os africanos foram chegando em grandes levadas como se fossem galinhas descarregadas em grandes quantidades de gaiolas nos portos brasileiros para saciar a fome europeia de ouro, da prata, de madeira, depois veio o café, a cana e outras tantas coisas que as terras de cá davam tão quase naturalmente. Assim, o corpo indígena, o corpo africano e o corpo daqueles que resultaram de misturas com o invasor europeu – foram arrancados de suas naturezas – acabaram sendo castigados para os restos de suas vidas como sujeitos sem corpos: como não-cristãos, não-brancos, não-europeus, como não-corpos, não-gentes, não seres-humanos.

A FÉ SALVA O MUNDO! Mas salva o corpo também? Uma demanda de *corpo-política* e de educação *em política*!

A identidade “latino-americana”, como qualquer outra identidade geopolítica e étnica, resultou de um duplo discurso: o discurso da alocação do estado imperial de identidade filtrado até a sociedade civil, e o discurso de recolocação produzido a partir dos setores da sociedade civil (isto é, intelectuais, movimentos sociais) que discordavam do primeiro. Dentro das forças dominantes do sistema mundial moderno do século 19, a identidade “latino-americana” era pós-colonial. (MIGNOLO, 2003, p. 189)

89

Há uma crença no imaginário colonizado nosso – Latino-americano – na ideia de pureza de corpo: como se esse/nosso corpo fosse aberto ou fechado – como quero – às coisas que quer ou não querem receber-ter! Nosso imaginário, por isso, é representação também: nós nos representamos o tempo todo! Como já argumentei antes, a consciência corpórea trazida à baila pela crença de fé cristã fez evidenciar uma noção representacional de nós próprios como se tivéssemos um corpo apto às condições criadas pelo pensamento moderno de corpo: branco, masculino, rico, de fé cristã, falante de uma das línguas oficiais modernas e ainda capazes de produzir ciência por meio da ciência cartesiana. Como se nós outros fossemos iguais aos eles Eu. O corpo latino-americano é um corpo que está baseado, inconsciente e muitas vezes até conscientemente, em ser/ter o corpo padrão europeu. O brasileiro, por exemplo, vê-se igual ao europeu. Do mesmo jeito, o brasileiro acha que pode ser/ter igualmente ao estadunidense.

A questão que vai delinear as argumentações deste trabalho está posta em fazer suscitar um corpo *em política* (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009) do *biopolítica* foucaultiano (1976), tomando do que chamaremos como trajetórias

para o ensino de Arte, a fim de evidenciar que as políticas de ensino (lê-se educação) do Estado-Nação ou das Corporações (nacionais e internacionais), quase sempre implementadas pelos professores, ainda na contemporaneidade, continuam usando do poder para adestrar corpos estranhos aos sistemas da eficiência que visam trabalho e consumo como modos de vida em contraposição à ideia de que um corpo estranho *em* política encontra-ser sua morada do *ser, sentir, saber e fazer* ainda que repudiado. Logo, nossa questão está em abordar as problemáticas que, em torno das políticas da educação e do corpo, enquanto organismos para atuação, estão em desenvolvimento na América Latina, por exemplo, desde a “descoberta” no século XVI do continente. Principalmente porque a educação instituída no século XIX no Brasil tomou da construção daquele corpo moderno com distinção entre razão e emoção.

Como minha discussão não quer privilegiar saberes disciplinares como única forma de abordagem, ainda que considerando minha atuação na universidade, opto por articular as questões a partir de saberes epistêmicos que privilegiam o *lôcus enunciativo* e as *experivivências biográficas* que emergem das práticas em/com Arte para a construção de conhecimentos. De certo modo, ao não optar por disciplina específica, mesmo das Artes, minha área de atuação – já que sou Artista Visual e atuo na graduação em Artes Cênicas –, acabo por melhor compreender esses corpos *em* política que estão emergindo em lugares da exterioridade porque privilegio, de certa forma, uma *ecologia de saberes* (SANTOS, 2010). Faço tal opção por entender que os estudos de área, como se estabeleceram as disciplinas nas academias, por mais que se ocupem de uma lógica transdisciplinar, como ressaltado por Boaventura de Sousa Santos, ainda estão articulando seus saberes da coerência de disciplinas em situação que foram também constituídas, primeiro, na noção do corpo tomado em separado das suas ações de emoção e de razão.

Somente um olhar de pesquisador lançado a partir desse *lôcus* pode mirar para além das disciplinas e da geopolítica do conhecimento, ambas embutidas nos estudos de área, como observa Mignolo. É por isso que qualquer pesquisa de base subalterna, periférica ou fronteiriça, como as que coerentemente não são articuladas dos grandes centros ou eixos, mas, sim, das bordas nas quais se encontram os sujeitos subalternos e suas respectivas produções periféricas, pode e deve ser entendida pelo pesquisador, sobretudo, como *uma forma subalterna de pensar outra*, e não como apenas mais uma forma de pensar como tão comumente se faz dentro da academia. (NOLASCO, 2019, p. 2-3)

Dos saberes de áreas, ou saberes disciplinares, como autoritariamente edificaram e se consagraram as academias modernas, não fizeram outra coisa, nos lugares à margem do saber moderno, senão repetir a velha *doxa* de que o melhor está fora ou está no corpo do Outro. O primeiro tem que estar circunscrito na categoria geohistórica – antiguidade (Europa dos séculos XIV, XV e XVI e Estadunidenses dos séculos XIX e XX) – que especifica lugares e histórias particulares como “globais” e, na segunda questão, está posta como o Grande Outro, aqueles que são as mesmas pessoas com histórias antigas – Grego-romanos – e geografias situadas ao Norte sobre nós no Mapa Mundi global elaborado pelo sistema de colonização. Haja vista que assim, pela coerência de que o mundo é visto apenas por ordem de história antiga, geografia específica ou em um Corpo perfeito, os muitos sujeitos, lugares e conhecimentos tornam-se impedidos de se verem enquanto aqueles – de sequer terem corpos. Logo, a alternativa é pensar-se *a partir da* fronteira, nunca *sobre* como aqueles sempre o fizeram.

Assim, essas discussões se colocam como contradiscursos de “razão” biogeográfico-fronteiriça descolonial aos saberes de áreas disciplinares que optaram em continuar “castigando” os *corpos dóceis* (FOUCAULT, 1987), considerados dominados pela opção da razão moderna de educação do corpo. Ou seja, estudantes e professores ainda são tomados como corpos que “sofrem” com políticas *de* corpos engessados no ensino de Arte, por exemplo, ao contrário às possibilidades de serem corpos *em* política. Posto que aqueles corpos sejam enquadrados nos currículos acadêmicos estabelecidos pelas regras, leis e poderes estatais e privados que estabelecem que os indivíduos devam aprender em função de atenção ao mercado de trabalho ou ao consumo como únicas formas de sobrevivência em sociedade. O poder, neste sentido, ainda que pensarmos na *biopolítica* foucaultiano, não alcançou os corpos, a fim de libertá-los, que estão à margem do pensamento moderno europeu em sobrevivência na contemporaneidade através da colonialidade do poder. Corpos que hoje ocupam a exterioridade tendo em vista o pensamento descolonial de emergência terceiro- mundista. Pois,

A aparição deste conceito teve um impacto de natureza semelhante ao que produziu o conceito de “biopolítica” cujo ponto de origem foi a Europa. “Biopolítica” é um conceito do relato analítico da pós-modernidade. Igual a seu homólogo europeu, “colonialidade” se situou no centro dos debates internacionais; no seu caso, no mundo não-europeu e na “antiga Europa do Leste”. Enquanto “biopolítica” ocupou um papel central na “antiga Europa ocidental” (ou seja, a União Europeia) e nos Estados Unidos, assim como entre algumas minorias intelectuais conformadas por

seguidores não-europeus das ideias originadas na Europa – que, entretanto, as adaptaram a circunstâncias locais – a “colonialidade” fazia sentirem-se cômodas principalmente pessoas de cor em países desenvolvidos, migrantes e, em geral, uma grande maioria daquelas pessoas cujas experiências de vida, memórias longínquas e imediatas, línguas e categorias de pensamento foram alienadas por parte daquelas outras experiências de vida, memórias longínquas e imediatas, línguas e categorias de pensamento que deram lugar ao conceito de “biopolítica” para dar conta dos mecanismos de controle e das regulações estatais. (MIGNOLO, 2017, p. 14)

A colonialidade histórica se mantém na contemporaneidade, quase que prioritariamente, porque as diferenças não são consideradas para estabelecimento das políticas que deveriam ancorar o direito e a democracia aos corpos dos indivíduos das diferenças. A “Colonialidade” equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade.” (MIGNOLO, 2017, p. 13). Logo, a fé salva a alma e supostamente ao mundo das atrocidades cometidas, mas nunca salvou ou salvará ao corpo que sofre por ser da diferença. Assim, o corpo da diferença demanda a corpo-política até mesmo do que foi o corpo da biopolítica levando em consideração que as diferenças culturais não são consideradas no ensino, por exemplo, mas também na fé, no trabalho, na arte, na cultura e na produção de conhecimentos ainda hoje na contemporaneidade que nunca percebeu a diferença colonial dos corpos.

92

POR UM NÃO-CORPO como corpo

O conhecimento indígena é como uma árvore, cujas raízes mais profundas estão na história da comunidade, o corpo e o sangue derivam da terra. (GAVILÁN, 2012, p. 115)

Os pensamentos aqui em exposição estão em uma fase, ainda, pode-se até dizer, primária em relação à ideia desse “não-corpo” (um corpo sem padrão externo). Isso, pois o “não-corpo” aqui está para a tentativa de pensar um corpo que se consolida livre de disciplina, normas, regras e técnicas. Quero dizer: um pensamento de um “não-corpo” está em formulação porque o corpo que reconhecemos no imaginário Ocidental como tal, ainda o é, da perspectiva que se vislumbra aqui, razão e emoção dissociados. Somos corpos ancorados por um modelo de *macrossujeito histórico* e geográfico específicos – um Eu que se vê como superior e maior em todos os sentidos. Ou sempre somos *coração e razão*

sem nenhum *cérebro e vísceras* para constituição de seus saberes e fazeres com arte. Corpos tratados unilateralmente por áreas do conhecimento que atuamos nas academias – universidades e escolas – brasileiras que visam especificidades postas na cultura latino-americana por culturas que detêm o poder de decidir que corpo Ocidental deve estar em evidência. Conhecimentos que são aprendidos nas instituições a fim de dominação do *corpo estranho* (Cf. FARIA; BESSA-OLVIEIRA, 2019).

Mas antes de continuar qualquer coisa, ou de tratar desse corpo *outro* inconsciente que deve vir a ficar consciente, gostaria de esclarecer que não venho falar, portanto, de um corpo para Dança, um corpo para o Teatro, um corpo para as Artes Visuais ou mesmo de um corpo físico preparado para “apresentação” em qualquer linguagem artística ou situação que seja! Quero que qualquer interpretação que se faça desta minha proposta de trabalho em pensar que “O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção!” – seja para o bem, seja para o mal dos saberes disciplinar (pois é o único lugar do qual supostamente achamos que melhor pensamos o corpo latino, por exemplo) – tome da noção de que estou tratando neste trabalho de “um” corpo epistêmico latino-americano, brasileiro e, no meu caso, mais específico ainda, situado *biogeograficamente*⁶ em Mato Grosso do Sul: estado do Centro-Oeste brasileiro em situação de fronteira geográfica, cultural e epistemológica com dois países de língua espanhola – Paraguai e Bolívia – e com os estados de SP, MG, PR, GO e Mato Grosso de quem foi, desde último, constituído através de divisão política em 1977. Não observadas às questões aqui emergentes: “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”.

Uma das ilações é que as diferentes formas de democracia, os direitos civis e a emancipação das mulheres só podem surgir das respostas criativas de epistemologias locais subalternas. Assim, e por exemplo, as mulheres ocidentais não podem impor sua noção de emancipação às mulheres islâmicas. Os homens ocidentais não podem impor a sua noção de democracia a povos não-ocidentais. Isto não é um apelo a uma

⁶ Esta ideia está para as reflexões de *biogeografia* que venho desenvolvendo faz algum tempo. É uma *Epistemologia de Fronteira* (GROSFOGUEL, 2010) em que se prioriza como modos de compreender as produções artísticas, por exemplo, os sujeitos, os lugares e as narrativas artísticas como ponto de partida primeiro antes de qualquer outra relação possível que se queira criar. É o corpo que é posto em evidência. Desse modo é dizer que todas as reflexões aqui passam pelo meu próprio corpo como epistêmico.

solução fundamentalista ou nacionalista para a persistência da colonialidade ou para um particularismo de incidência local e isolada. É um apelo ao pensamento crítico de fronteira, como estratégia ou mecanismo conducente a um ‘mundo transmoderno’ descolonizado enquanto projeto universal que nos leve além do eurocentrismo e do fundamentalismo. (GROSGOUEL, 2010, p. 482)

O ponto de partida dessas argumentações toma de Mato Grosso do Sul – lugar onde trabalho, pesquiso e produzo em artes visuais (pinturas) – exatamente porque este é, igualmente a outros lugares descentralizados, na cultura nacional brasileira, ainda mais desconsiderado da ideia de corpo e produção de conhecimentos desvinculados do modelo de corpo Ocidental⁷. No Brasil, a contragosto de alguns, há uma hierarquia que se ancora no lugar geográfico e, mais ainda, na história que nos foi forjada como nossa, para firmar-se enquanto sujeito que melhor olha porque o faz de fora do que está dentro dos “limites” impostos pelos sistemas. Explico: quanto mais os lugares no Brasil se inscrevem como centros, mais esses se valem de um poder colonial local para reforçar sua submissão à ideia europeia e estadunidense de que existem centros e periferias. Igualmente se contaminam das aporias eurocêntricas como critérios de julgamento e classificação dos “corpos” não-europeus. Enquanto nos lugares situados

geográfico e historicamente como fora dos centros, caso de MS – de exterioridade –, os “não-corpos” algumas vezes emergem e encenam-se com mais facilidade e eficiência porque se desvinculam mais claramente do conceito de corpo democrático, dócil e político, por exemplo, construídos também em disciplinas ocidentais.

Faço questão de esclarecer estes pontos porque não falo do lugar das Artes Cênicas, mas das Artes Visuais. Portanto, quero aqui me valer do meu *não-lugar* disciplinar do corpo físico para falar de um corpo *outro*. E mais ainda, de um lugar em franca exposição de exterioridades *biogeográficas* como modos de produção de arte, cultura e conhecimentos. Um lugar em que o corpo físico como compreendemos hoje – especialmente nas artes – está cada vez mais no lugar moderno do corpo padronizado. Um suposto corpo que se vê dono de suas razões

⁷ Esta afirmativa está, de certa modo, também ancorada na lógica de Nolasco (2017) ao dizer que quanto mais periférico – fronteiriço – os lugares são, mais as teorias, pedagogias, produções artísticas migrantes chegam, mais essas encontram lugar confortável *hospedeiro* sem *hostilidade* como afirma ainda Jaques Derrida.

quando, na verdade, é pura obediência à *razão moderna* (Mignolo)⁸. Falo ainda a partir de um posicionamento teórico-político que toma da nossa condição de sujeitos pós-colonizados, em situação de ex-colônia que se viu e se vê colonizador, que vivemos em corpos – de modo geral (físico, artístico e teórico) – em condição imposta de exterioridade ao pensamento moderno europeu instituído no século XV, mas também de condição pós-moderna estadunidense desde o século XX para cá.⁹ Quando na verdade não saímos ainda das selvas (ou das cavernas para lembrar um antigo mito que paira também nas culturas periféricas como verdade) ou das trevas medievais que nos recobrem para reconhecemos a nós mesmos. Continuamos cegos! “A fé salva!” E continuamos sem reconhecer o nosso próprio corpo, pois tocar-se é concebido como pecado no mundo ocidental desde os primórdios cristãos! Esses pensamentos impostos aos corpos latino-americanos imperam ainda nas culturas locais desses lugares que buscam, quase sempre, por saberes disciplinares para exposição de suas produções em arte: práticas artísticas, reflexões teóricas ou metodologias pedagógicas.¹⁰

⁸ O termo de Walter Mignolo é apenas uma ilustração nada sintética de tudo que se vem discutindo e construindo neste trabalho. Quer dizer: na teoria continuamos insistindo na ideia de transposição teórica do pensamento europeu e/ou estadunidense às práticas e pedagogias brasileiras; na prática pedagógica – do conteúdo às leis que regem a educação brasileira – reforçamos os mesmos parâmetros trazidos de experiências vingadoras do exterior; e, não diferente, na produção com arte continuamos insistindo na mesma lógica colonizadora da Europa e/ou dos Estados Unidos como únicas razões de fazeres, saberes e sentir com arte.

⁹ Uma rápida explicação sobre estas afirmativas temporais de moderno e pós-moderno. Tomo das ideias que pairam sobre nossos imaginários – corpos – que foram constituídas com os anseios de colonização do mundo, estabelecido no século XV com as viagens de caravelas europeias para conquistas, descobertas e “modernização” dos mundos desconhecidos; já da afirmativa de pós-modernidade em relação à imposição estadunidense sobre o resto do mundo, considero para tal o arranjo construído por aqueles anseios de globalizar os acessos de tudo no mundo para todos dos mundos. Obviamente, tem-se que levar em consideração, por exemplo, que a noção de modernização europeia não nos chega e, do mesmo modo e talvez pior, a noção de pós-modernidade é ainda mais distante como o “sonho americano” forjado para o mundo, dadas as nossas reais condições/situações econômicas, políticas, sociais, tecnológicas, culturais e muitos outros etc.

¹⁰ Esta questão para mim coloca mais ainda em evidência a impossibilidade deste trabalho tratar de um corpo físico unicamente, com preparação ou não, para determinado saber artístico disciplinar. Seja qual for. Nossa questão é que ainda não cumprimos o papel de reconhecer nossas

A América do Sul também foi colonizada com a destruição da cultura do continente mais antigo com população humana, transformando as pessoas em coisa.

A elite que se projetou, levou o máximo e devolveu o mínimo. “O bom é o que vem de fora!”, foi a mensagem que passaram quando engomaram suas roupas na França ou na Espanha, atitude repetida nos tempos atuais, com relógios Rolex e muitos outros símbolos de status comprados. Essas mensagens criaram raízes nas mentes da elite e daqueles que, não sendo, projetaram-se nela. Ao povo restou trabalhar ou, quando não há trabalho, curva-se (que tem o mesmo sentido de trabalho, do latim labor: curvar) e resignadamente, esperar afundado na ignorância para fazer “tudo que seu mestre mandar”, como faz recordação a música dos bossa-novistas Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, em “Canção do subdesenvolvido”. (TURINO, 2013, p. 9)¹¹ (Tradução livre minha)

Neste sentido, falo hoje aqui de um corpo sem disciplina, indisciplinado, “estranho”, “cênico *biopedagógico*”, “primitivo”, mas epistêmico – esses últimos termos são adotados por pesquisas em desenvolvimento, minhas e de acadêmicos, na Universidade onde trabalho e que tentam pensar corpos nas Artes Cênicas a partir de seus próprios corpos em atuação – entre outros que melhor expliquem a ideia que quero discutir: corpos sem saberes moderno e/ou pós-moderno; corpo sem saber histórico colonial; um corpo sem arte disciplinar como linguagem; um corpo sem padrão; um corpo sem técnica; um corpo genuinamente contemporâneo – um corpo com *experivivências* cotidianas, um corpo contemporâneo que tem como premissa sua as suas histórias, memórias e geografias particulares: suas *biogeografias*. Porque não um corpo sem fé cristã! Um corpo sem fronteiras! Pela lógica, um não-corpo (na lógica cartesiana) que seja de fato o nosso corpo em situação histórico-geográfico no século XXI; no hoje, nos agoras que nos

96

necessidades corpóreas. Pois, como afirmado em outra situação, se ainda existe a ideia de um corpo que escuta, aqui penso no corpo que fala, ainda que tentem o impedir de falar a partir de si.

¹¹ “La América del Sur también fue colonizada con la destrucción de la cultura del más antiguo continente con población humana, transformando gente en cosa.

La elite que se proyectó hacia fuera, sacó lo máximo y devolvió lo mínimo. “Lo bueno es lo que viene de afuera!”, fue el mensaje que pasaron al almidonar sus ropas en Francia o España, actitud repetida en los tiempos actuales, con relojes Rolex y tantos otros símbolos de status comprado. Esos mensajes crearon raíces en la mente de la elite y de aquellos que, so siendo, proyectaronse en ella. Al pueblo le restó trabajar o, cuando no hay trabajo, curvase (que tiene el mismo significado de trabajo, del latín labor: curvarse) e resignadamente, esperar sumergido en la ignorancia para hacer “todo lo que su maestro manda”, como hace recuerdo la música de los bossanovistas Carlos Lyra y Vinicius de Moraes, en “Canción del subdesarrollado.” (TURINO, 2013, p. 9)

compõem enquanto sujeitos em situação. Pois, um corpo contemporâneo como quero pensar é o *instante já* em que suas ações, reações, emoções, experivências estão ocorrendo – no agora – não é, portanto, um corpo memória e menos ainda um corpo histórico com passado de tempo e geografia particulares privilegiados por um texto moderno em manutenção ainda na atualidade. Não é um corpo técnico em que razão e emoção castigam o corpo porque devem se dar *se-parados!* Não é um corpo que não dança, não pinta, não atua ou não performatiza porque alguém define que ele é o corpo do não.¹²

Como disse Silviano Santiago (2018) em recente vídeo-matéria veiculado pelo **Suplemento Pernambucano** em virtude do relançamento de **Uma literatura nos trópicos** (1978) – quarenta anos depois da 1ª edição –, quero investigar uma coisa que, *a meu ver*, ainda não foi bem analisada da melhor maneira; “algo que está sendo escondido”, no caso aqui o corpo que, desde que o homem e a mulher são objetos de investigação da ideia de Ciência Moderna, sofre com apagamentos por ser diferente dos padrões heteronormativos estabelecidos: o corpo-FÁLICO. Ainda na esteira de Santiago naquele vídeo, *grosso modo*, o corpo latino vive, mas não fala, o corpo latino existe, mas não atua, o corpo latino- americano-brasileiro-sul-mato-grossense-campo-grandense então, não existe, ainda que seja um corpo para o trabalho, para o *labor*, para o sexo, para o prazer, para a reprodução, para parir, para a morte, para o fim, para o tráfico, para a clandestinidade ou para a reposição de partes (peças) para o corpo branco, para o fim que se dá a qualquer coisa que não tem razão de existência: para indulgência. O não-corpo de situação fronteiriça imposta é, na ótica do pensamento hegemônico, o que tem de pior em corpo. Já na ótica que quero o corpo-fronteira é exatamente o corpo que busco como corpo epistêmico. Pois é o corpo que se constitui na/da/em exterioridade. Nosso corpo, segundo o que pensa Silviano Santiago, vive em constante esforço de “agregação” e “desagregação” do que é do outro, do que foi posto como nosso e do que não é nosso. Nosso corpo prefere a

¹² Um trabalho recém-escrito na graduação em Artes Cênicas, Trabalho de Conclusão de Curso de Juliano Ribeiro de Faria (2018) – hoje publicado na Revista Fundarte aqui referendada –, que tive a honra de orientar, faz uma explanação bastante significativa que corroborou resultar no que tenho pensado sobre um não-corpo agora. Naquela discussão o autor fala de um corpo estranho do Ser Menos que é um corpo do Ser Mais exatamente porque esse é um corpo estranho aos sistemas moderno e/ou pós-moderno de arte, cultura e conhecimentos – que definem que é Mais e quem é Menos – e *si-move-se como quer* (Cf. FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019).

estética edificada no pensamento moderno que mancomunada com a globalização pós-moderna construiu um padrão para existência da razão e da emoção separados.

Logo, tomando desta questão como argumentação *outro*, o exercício maior da abordagem descolonial fronteiriça aqui em exposição é o de fazer-sendo! Ou seja, se por um lado a biopolítica faz observar a possibilidade dos corpos marginalizados, no contexto pós-moderno, perceberem-se controlados pelos *mecanismos de controle e das regulações estatais*; pelo prisma da corpo-política minha questão está em fazer emergir a consciência desses corpos com autocontrole. Pois, dessa lógica, o poder se institui a partir da manutenção das categorias de classe, raça e gênero – modernos – apoiadas pela cristandade- europeia, na contemporaneidade, graças à colonialidade do poder ambas ressaltadas pelos saberes disciplinares que insistem em estabelecimentos de métodos investigativos, por exemplo, para compreender o corpo da diferença colonial. Portanto, faz-se imperar uma razão moderna investigativa em detrimento de uma legitimação das diferenças como padrão de descontrole daquele modelo hegemônico. De certo,

Se trago essa discussão acerca da razão outra na pesquisa acadêmica hoje, é por que, depois de observado todos os textos que compõem este livro, constatei tratar-se, na verdade, de uma prática outra que está sendo posta em execução, por meio da reflexão de base pós-colonial, ou pós-ocidental, ou simplesmente fronteiriça, como prefiro. E uma razão de base subalterna, ou fronteiriça, não passa, *grosso modo*, de uma prática, uma teorização, um exercício teórico-crítico por meio do qual tanto a teoria quanto a crítica empregadas devem engendrar, por mais contraditório que possa parecer, a própria prática posta em execução no ato de pensar. (NOLASCO, 2019, p. 2)

Há aqui, a partir do sinalizado por Edgar Nolasco, uma questão que está posta para além do método, pois aquele sistema de crítica universal, empreendido pelo modelo cientificista de arcabouço estrutural para analisar o objeto (corpo), não tem outra reflexão teórica em sua formulação mais a frente da moderno- disciplinar dissipado em áreas do conhecimento. Basta empregá-lo, a partir da lógica cartesiana do ser ou não ser, é ou não é determinada coisa, para desqualificar as diferenças culturais ou coloniais em detrimento ao modelo (de raça, classe ou gênero) metodológico padronizado. Logo, a questão até aqui se sustenta em argumentar que as diferenças – todas e todos os corpos não reconhecidos como corpos – demandam especificidades/diversidades epistêmicas – crítica, metodológicas, pedagógicas e até artísticas, igualmente

políticas – para serem contempladas enquanto práticas de arte, cultura ou como conhecimentos. E, do mesmo jeito, é possível dizer que esta questão, por conseguinte, está tratando das produções em arte, das culturas e dos conhecimentos e corpos que ainda hoje são desconsiderados (exteriorizados) pelo pensamento hegemônico político colonial.

Nesta ordem, fomos e somos obrigados sempre a apreender e aprender o que é dito pelo (técnico do) outro, ainda que finjamos improvisar; improvisar no nosso contexto ainda é agir *de sobre* um corpo colonizado e de consciência moderna de razão em sobreposição à emoção. Foi-nos imposto que somos sujeitos (corpos) que devem sempre ocupar a margem, a beira, o rebotalho da situação geográfica, política, econômica social e cultural de qualquer contexto estabelecido como *ex-cêntrico* ao Outro. E este outro está sempre na Europa ou nos Estados Unidos com os pensamentos e projetos Moderno e Pós-moderno, respectivamente, maculando e maquiando o imaginário latino-americano. Fazendo-nos acreditar ainda hoje que temos algum corpo que pode dançar, que pode atuar ou que possa ao menos existir. Mas, na boa da verdade, nós nunca pudemos sequer ser, sentir e nem saber sobre nossa real existência. Dirá sermos re-existência dentro do mesmo sistema que impõe os sistemas da arte. Nunca pertencemos à terra que de fato habitamos, pois até nossa ideia de habitação – ou espaço *geoistórico* que habitamos – é uma invenção moderna para angariação, ainda hoje, de todas as *naturalezas* que um dia tivemos em abundância. Desde as nossas relações com os espaços imaginários, aos espaços que de fato relacionamos corporeamente – academias, escolas, universidades, instituições de pesquisas, espaços expositivos (museus, galerias, salões e palcos) –, estamos em constante contato com virtualidades (teóricas, artísticas e pedagógicas) alheias a nossa realidade subalterna.¹³ Nós não habitamos o próprio corpo, pois ainda o desconhecemos!

Nosso continente nunca sofreu com a falta de recursos naturais, nem de história ou ideias. Acontece que nossos recursos naturais foram levados desde o início da colonização, servindo apenas a uma pequena classe, transferindo riqueza para o

¹³ Sobre “um” lugar que nosso corpo habita ver o artigo: BESSA-OLIVEIRA (2019), “O corpo que habito: esse não o corpo da sala de aula, do museu, nem o corpo da academia!”.

exterior e acrescentando pouco valor aqui dentro. (TURINO, 2013, p. 8)¹⁴ (Tradução livre minha)

Por isso, para a “literatura nos trópicos” de Silviano Santiago, ainda, 40 anos depois, vivemos desde sempre no *entrelugar*: um lugar da busca pela afirmação e da desafirmação: um lugar da contradição literal do que é ser brasileiro, ou do que é ter um corpo latino-americano-brasileiro. Nosso corpo é forçado a ser, naturalmente, um corpo político; primeiro um corpo político como almejou Michael Foucault – um corpo que obedece para participar docilmente das ações impostas –, depois somos esse corpo do *entrelugar* de Silviano Santiago, um corpo que ocupa a “contradição que busca a afirmação”. Um corpo que está sempre (entre)! Um corpo que nunca é (nada)! Por isso, tendo essas lógicas culturais em mente, penso neste não-corpo que quer agora, de uma forma ou de outra, tornar-se nosso (como) um corpo de fato. Um corpo que ocupa o *entre* como o seu lugar! O corpo que temos obedece naturalmente à técnica (da arte) imposta com o pensamento moderno, e aprende e apreende, com grande facilidade, até a “não-técnica” pensando que se naturaliza por poder acessar tudo que a homogeneização técnica pós-moderna o impõe. O corpo político que acreditamos dom(in)ar é um corpo que permanece sentado quando mandam ou se levanta quando recebe tal advertência. A destreza do não-corpo (negro, feminino, indígena, entre outras características que não é e saber ser/viver/pensar a/na diferença colonial, em exterioridade como lugar epistêmico) em busca de ser um corpo (heteronormativo, masculino, fálico, branco e europeu) ocorre na consciência de forma inconsciente neles. Ainda somos obediência pura!

100

A E(NE)XISTÊNCIA de um não-corpo

Quando Frantz Fanon termina seu *Pele negra, máscaras brancas* com uma prece: *Oh corpo meu, faz de mim, sempre, um homem que se interroga!* (1973, p. 192) expressou, em uma só frase, as categorias básicas da epistemologia fronteiriça: a percepção bio-gráfica do corpo Negro no Terceiro Mundo, fundando assim uma política do conhecimento que está

¹⁴ “Nuestro continente nunca sufrió por la falta de recursos naturales, ni de historia, ni de ideas. Ocurre que nuestros recursos naturales fueron aliendados desde el principio de la colonización, sirviendo apenas a una pequeña clase, transfiriendo riquezas para fuera y agregando poco valor acá adentro.” (TURINO, 2013, p. 9)

arraigada assim como o corpo racializado [masculinizado, elitizado e cristão], nas histórias locais marcadas pela colonialidade. Ou seja, um pensamento que faz visível a geopolítica e corpo-política de todo pensamento que a teologia cristã e a egologia (e.g. cartesianismo) ocultam. (MIGNOLO, 2017, p. 16)

Agora, neste contexto moderno que nos descontextualiza enquanto corpo, quero falar de um “corpo-política”; um corpo do *ser, sentir e saber* de suas próprias ações. Pois, é o “corpo que está em perigo, não é a palavra que está em perigo. E é o corpo do negro, é o corpo do indígena, é o corpo da mulher, é o corpo do homossexual e assim por diante” (SANTIAGO, 2018) que correm sérios riscos. Pois são corpos de cor negra; corpo natureza; corpo com regras; corpo não heteronormativo, respectivamente, para as políticas (contra) de corpo em evidência no cenário atual de política brasileiro. Não são corpos que têm fluxos, esses como diferenças reconhecidas! São esses corpos que clamam por (re)verificações do que é ainda reconhecido como um corpo da “técnica” moderna ou da ideia de corpo de “não-técnica” que é pós-moderna – o primeiro ancorado na ideia de que as Ciências explicam o corpo (Ciências aqui vista como disciplina para o corpo) e o segundo, pós-moderno, porque está imposto na ideia de que acessamos tudo e ao mesmo tempo e igual ao acessado pelos norte-americanos, de um corpo que acreditamos que improvisamos; busco pelo que são corpos a fim de serem situados em seus lugares de enunciação: portanto, donos de suas ações e reações como produtores de arte, cultura e conhecimentos – por um corpo da diferença colonial que está aquém da noção de corpo-social – corpos, portanto, *biogeográficos*.

Alerta ao fato de que se trata de uma interpretação social e historicamente construída da percepção das diferenças entre corpos de machos e fêmeas, nem por isso podemos desprezar a força das diferenças de sexo e sua presença na estruturação de nossa sociedade: é o sexo que é captado nas estatísticas, é a polaridade entre homens e mulheres, machos e fêmeas, que organiza relações desiguais e hierárquicas no conjunto da sociedade. (CARVALHO, 2013, p. 94).

É o sexo quem de-limita até nossa noção de corpo na arte: a mulher posa nua, o homem não pode ter suas “vergonhas” expostas. Socialmente o corpo feminino pode ser ex-posto em praça pública porque ele é da ordem da inferioridade, mas o do homem não pode ser/ter posto em xeque, seu corpo, porque põe em evidência a sua imposição autoritária de/e sua masculinidade. Assim, pode-se dizer da subjetividade diferente relacionada ao ensino da Arte, por exemplo, como *uma missão teopolítica* consolidada por meio da educação, já que foi a instituição de universidades no mundo ocidental como um projeto de transmissão de um

conhecimento padrão, que *o controle dos corpos mediante o controle das almas, ou seja, das subjetividades* de homens e mulheres se fortaleceu. Igualmente é essa lógica de mundo binário que controla e que mantém o modelo de educação/empresa/instituições que temos imperante ainda nas sociedades onde sequer têm estrutura (qualquer) para atuação decente do professor/profissional/cidadão. Igualmente não é permitido ao sujeito ser quem quer que seja. Nem mesmo os banheiros, muitas vezes, são decentes nas instituições/escolas/universidades públicas ofertadas pelo estado-nação como política pública de educação: ainda falamos em banheiros não binários quando nos referimos aos que são banheiros “Uni-sex” – para o homem ou a mulher. Porque já não falamos em banheiros Plurisex? Espaços sanitários que acolham as diferenças necessárias não binárias de sexo. Mas até mesmo para falar de banheiro ainda vemos no outro o espectro da invenção moderna do que é ser gente-corpo: o outro é sempre aquele que não é o Grande Eu! O outro é sempre a representação (construção) do que o Eu se quer representado.

Como funcionam? Suponhamos que pertence à categoria de *anthropos*, ou seja, o que na maioria dos debates contemporâneos sobre a alteridade corresponde a categoria de “outro”. O “outro”, entretanto, não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva. Quem inventou o “outro” senão o “mesmo” no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que a inventa (MIGNOLO, 2017, p. 18).

Esse modelo de corpo ocidental que tomamos para encenar as nossas produções em arte – teorias, práticas e pedagogias – está para os pensamentos moderno e pós-moderno porque ambos trabalham com noções de universalização de corpo para arte. Um corpo que tem por único parâmetro o falocentrismo europeu cristão para ancorar as ações do corpo, fundamentalmente na arte, e cientificista para a produção de conhecimento que desconsidera os corpos da diferença, especialmente colonial, como supostos produtores de alguma coisa. Pois, esses projetos têm, segundo Ramón Grosfoguel

Os paradigmas eurocêtricos hegemônicos que ao longo dos últimos quinhentos anos inspiraram a filosofia e as ciências sociais ocidentais do ‘sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno’ (Grosfoguel, 2005, 2006b) assumem um ponto de vista universalista, neutro e objetivo. (GROSFOGUEL, 2010, p. 458)

Ponto de vista que não observa o corpo que sofre, o não-corpo como corpo! Menos ainda toma da arte como possibilidade de construção de conhecimentos e, muito pior ainda, considera o corpo feminino, negro, indígena, homossexual, entre

outros, – para fazer alusão às citações de Silviano Santiago – que estão se apresentando na cena contemporânea do jeito que querem e gostam. Como tenho dito de um tempo para cá, que *si*-movem-se¹⁵ como querem: por mais que a contragosto dos que ainda pensam que uma ideia de regional, nacional ou universalidade, nas fronteiras da exterioridade brasileira/latinas, seja possível em um momento que sequer falar de identidade e sociedade homogênea se tornou desnecessário. Do primeiro porque defender identidades é promover exclusão de muitas outras identidades edificadas pelos mesmos projetos moderno e pós-moderno em detrimento de alguma; segundo porque falar em sociedade homogênea, em ideais, num momento como o nosso, é ressaltar a *barbárie* ocorrida, por exemplo, com as últimas eleições presidenciais (2018) em que o brasileiro, até entre família, se sentiu no direito de desprezar os seus pares tendo em vista a ideia superioridade familiar, heterossexual, cristã, branca e de classe.

PROVISÓRIAS considerações

Bésame, básame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
Tudo começa e termina nos seus lábios
Amores burros, movimentos sábios
'Cê não me deixa sem palavras, deixa minha língua cansada
Ando aprendendo a linguagem que seu corpo fala
Aprendi a observar, seu corpo fala, pinga, exala
Me deixe experimentá-la até a última tara

103

¹⁵ Esta questão já foi posta em vários outros trabalhos meus. Mas sempre cabe uma breve explicação a respeito, uma vez que tenho elaborado a ideia melhor em cada uma dessas discussões. Assim, *si*-mover-se tem sentido duplo: primeiro porque penso em um corpo que *si* move, depois, em um segundo lugar, este mesmo corpo *move-se*, em ambas as situações este corpo está para sua liberdade de, seja *si* mover, seja mover-se, movimentar como bem quer. Nesta interpretação, que a princípio parece até superficial, tomo da ideia de um corpo que não estaria, por exemplo, delimitado aos mandos e desmandos, se assim posso dizer, do professor em uma sala de aula, do gerente de um banco, de um patrão na empresa ou sob as ordens de um quartel, mas também não é um corpo delimitado ao espaço de mover-se em uma “cena” artística (de)limitada por um texto coreográfico, dramático, narrativo. Portanto, tenho usado este imperativo – mover – acompanhado do “prefixo” *si* e do “sufixo” *se*, mas a ideia também não está presa, já que falamos de movimento, a este único verbo, pois dançar, pintar, atuar, entre outros imperativos, não precisam necessariamente de companhia ou de ordens e roteiros pré-estabelecidos para tais.

Na mesa da sua sala 'cê sorri quando goza, goza, goza
Acha que eu sou um cara engraçado, êta, tesão desgraçado
Píncelada no seu corpo, meu amor
'Cê é meu quadro, 'cê é meu quadro
Ah, eu devo ser um cara engraçado
Reebok classic (classic), casaco da Fila (da Fila)
Baby, 'cê é tão chique, baby, baby, 'cê é tão chique
Sua buceta em minha língua precisam de um feat
Sua buceta em minha língua precisam de um feat
Reebok classic (classic), casaco da Fila (da Fila)
Baby, 'cê é tão chique, baby, baby, 'cê é tão chique
Sua buceta em minha língua precisam de um feat
Sua buceta em minha língua precisam de um feat
Bésame, básame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
Bésame, básame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
(Baco Exu do Blues, “Tardes Que Nunca Acabam”, 2017). Fonte: LyricFind.
Compositores: Diogo Moncorvo.

Por último, como as coisas aqui ainda estão no plano da formulação, mesmo que depois de tentar discorrer tanto sobre elas, saliento que tomei de questões que são subjacentes as constituições da minha ideia de corpo epistêmico, meu próprio corpo¹⁶, um corpo para além da ideia de corpo físico que temos, porque entendo que pensar em corpo específico de uma linguagem de arte, meu maior foco de investigação é sempre a arte, ainda é pensar em um corpo disciplinado e domesticado na distinção entre razão e emoção como fora pensado pelo projeto moderno cartesiano e mantido nas culturas contemporâneas pela ideia de corpo pós-moderno que sustenta quase todo o fazer artístico atual! Este corpo disciplinado aqui é aquele corpo físico – da sala de aula, do palco, da pintura, da escultura, que anda na rua preocupado com formas e padrões, entre outros corpos que ocupam lugares –, mas que sempre foram tratados como (des)(ocu)padós,

¹⁶ Talvez aqui até a minha ideia de “meu próprio corpo” seja equivocada. Penso isso agora considerando que até nosso imaginário é colonizado pelos sistemas moderno e pós-moderno de ver o mundo. Do mesmo jeito o é o de ver o corpo. Ou seja, se parto do princípio de que devemos descolonizar o corpo, para compreendê-lo exterior à dicotomia de razão e emoção, considerando que nossa mente é colonizada, não posso me dar ao capricho de acreditar que entendo meu corpo com um corpo que esteja descolonizado. Mas, uma coisa é fato, tenho lutado para aprender a desaprender este consciente e inconsciente colonial que pairam sobre nossos corpos/mentes.

ainda que com sensações. Mas que sensações observamos nesses corpos considerados latinos?

Logo, quero dizer que estou buscando pensar *a partir de* ux corp^x sem gênero: estou querendo pensar a partir de gêner^xs outr^xs que não estejam compostos em padrões estabelecidos de homem, mulher, gay, lésbica, trans, binário, não-binário, ou LGBTQQICAPF2K+ como têm tentado se definirem em siglas os supostamente não-classificáveis, não quero os rótulos de macho, fêmea, bicha, viado ou andrógeno, ou mutante para definir padrões. Estou tentando pensar em um corpo, quero que pensemos em corp^xs epistêmic^xs como forma *outra* de compreender quem n^xs som^xs, inclassificavelmente possível. E esta defesa de não classificar-se não tem nenhuma relação com defesa de alguma categoria heterogênea ou hegemonia não classificada pelo padrão de ser/ter/sentir/fazer. Não estou buscando reconhecimento de alguém. Estou pensando sim, muito abertamente, em diversidades corpóreas que não foram, são ou serão um dia considerad^xs por aqueles que estão no poder agora, estiveram no passado ou até mesmo para aqueles que se veem no/como poder no futuro.

Por isso, considerando as questões que se quis aqui vir a discutir, penso e resisto Por isso, considerando as questões que quis aqui propor discutir, penso e resisto na ideia de que o corpo das artes (cênicas) latinas, de modo geral, ainda é um corpo que se divide entre razão e emoção na presença da “cena” artística, especialmente brasileira. Ora o corpo é moldado, ora ele é modelo. Já da noção de corpo que se toma para argumentar a insistência dessa dualidade na arte brasileira, ainda que contemporânea, de um corpo epistêmico descolonial, entende-se que o corpo ainda é um “conceito” a ser compreendido para além do “corpo dócil” como “corpo-político” (foucaultiano), mas que estaria inscrito na noção de “corpo-política” discutida por Walter Mignolo em que razão e emoção são indissociáveis no fazer, no pesquisar e no ensinar arte, pois esses estariam vinculados à noção de que nenhum corpo pode ou deve ser domesticado para uma disciplina que tem, como aponte com Grosfoguel antes, todas as bases epistemológicas modernas e/ou pós-modernas.

O corpo no pensamento ocidental ainda é compreendido como aquele que sofre o mal por não ser igual ao corpo do Grande Outro que é tomado como modelo padrão de corpo. Dito de outro jeito, não há “técnica” ou “não-técnica” artísticas no pensamento ocidental que não domestique o corpo no cogito razão e emoção para a arte. Mesmo quando pensamos agir sem técnica, nosso

(in)consciente busca por ela! Não há expressão na cultura latino-americana-brasileira-sul-mato-grossense-campo-grandense que não fez tornar objeto a coisa (sujeito) corpo! Sinalizado isso, a ideia aqui foi fazer evidenciar que todo *ser, sentir e saber* ocidentais ainda estão ancorados na noção imaginária de que o corpo (negro, homo, feminino, pobre, das artes – de exterioridade –, entre outros) para fazer sofre com *se*-parações na arte, consciente ou inconscientemente. O que, aliás, é muito bom considerando a consciência necessária de/que/para ser, sentir, saber e fazer é preciso tê-la! Por último, para de fato apontar as conclusões primárias da questão:

Sugiro um caminho de indagação: porque implica algo muito material, o “corpo” humano. A “corporalidade” é o nível decisivo das relações de poder. Porque o “corpo” implica a “pessoa”, se se libertar o conceito de “corpo” das implicações mistificadoras do antigo “dualismo” eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo etc.). E isso é o que torna possível a “naturalização” de tais relações sociais. Na exploração, é o “corpo” que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o “corpo” o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. [...]. Nas relações de gênero, trata-se do “corpo”. Na “raça”, a referência é ao “corpo”, a “cor” presume o “corpo”. (QUIJANO, 2010, p. 126)

A passagem de Quijano é agora tão fundamental, especialmente porque ela ilustra com grande sapiência algumas questões que vão também ser conclusivo-ilustrativas neste texto, apenas para não ser repetitivo e dizer novamente fundamental, para as discussões que tenho tentado fazer valer como proposta epistêmica para discutir corpos latinos – generalizando – na arte não europeia e/ou estadunidense. Igualmente, a questão posta por Aníbal Quijano evidencia que nem mesmo o gênero dá conta de encobrir o lugar do corpo como anteparo de toda a desgraça imposta aos não-corpos latinos pelo pensamento hegemônico que homogeneizou todas as diferenças latinas. Ou seja, se por um lado, para o bem, o corpo é nosso suporte para todas essas coisas apontadas pelo autor. Se é no corpo que sofremos, ainda temos a possibilidade de deixar de sê-lo. Por outro, é exatamente, para o mal, que precisamos perceber e compreender melhor quem é nosso corpo que buscamos na arte latina, brasileira, sul-mato-grossense, fronteiriça, por exemplo?! Igualmente à segunda situação a partir da leitura de Quijano, ainda tomando esta para o mal, precisamos ter em mente que como suporte e espora/escória de disciplinas, exercícios técnicos, normas, mas também na “exploração” pelo trabalho, “na pobreza”, “na fome”, “na má nutrição”, “na

doença”, sem alegria, “na doença e na pobreza”, ser sempre castigado, reprimido e torturado por normas, formas, modelos, padrões e ainda termos que seguir a normatização de algum gênero mais bem aceito, ou uma raça porque aquela é melhor ou pior e ainda termos a cor definindo o que somos – “meninos usam azul e meninas usam rosa” – o “corpo” como reconhecemos não dá mais conta de suportar. Não cabe mais nada, literalmente, nesta noção de corpo que temos. Precisamos, urgentemente, pensar em alternativas de escapes. Precisamos inventar outro suporte que não suporte mais ser adestrado!

Convivemos com/em um momento em que as políticas se voltam contra os corpos que precisam *de* políticas: de ideias que agora acreditam que “a pobreza é o maior inimigo do meio ambiente”, à crença de que a “abstinências sexual” é a melhor salvação do corpo feminino, desgraça pouca aos corpos das diferenças coloniais atualmente é bobagem. “¡EL CUERPO DE LAS ARTES LATINAS (ESCÉNICAS) TODAVÍA ES RAZÓN Y EMOCIÓN! “Cuando toda esta mierda explote, entonces quiero ver!””. Há uma crença no imaginário colonizado nosso – latino americano – contemporâneo na ideia de pureza de corpo, de um domínio sobre um arquétipo de corpo: ledo engano! Como se fosse aberto e fechado, em tempo e hora, como queira, às coisas do mundo que nos contamina. Nosso imaginário, por isso, é representação pura da ótica de um Grande Outro. Estamos sempre representando! Nem nós, de uma ótica descolonial, sabemos quem de fato somos. Nós nos representamos o tempo todo: para nós mesmos e para o outro nosso par também. A ideia é ser aceito em qualquer normalização de corpo, por mais que essa norma seja ainda entendida como fora de norma. “Sentado”, “em pé”, “dócil”, como agente “bancário” ou como aquele que supostamente inventa. Entretanto, “danço, logo existo” (NORONHA; BESSA-OLIVEIRA, 2019). Mas poderia ser atuo, logo existo; pinto, esculpo, decoro, arquiteto, toco, logo sou corpo que existe! Danço, por mais que essa dança não seja padrão. Assim, atuo como tal, pinto como essa normatização, vivo e até sinto. Pois sentir é dado, na nossa cultura, aos abertos a interpretarem textos prontos.

107

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O corpo que habito: esse não o corpo da sala de aula, do museu, nem o corpo da academia!. In: **Revista Científica/FAP**, v. 21 n. 2 (jul./dez. 2019), p. 74-102. Disponível em:

http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2822/pdf_10.

Acesso em: 17 dez. 2019.

CARVALHO, Marília Pinto de. “Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar”. In: MOREIRA, Antonio Flávio. CANDAU, Vera Maria. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 90-124.

FARIA, Juliano Ribeiro; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “**Corpo estranho: o desamparado que encontra sua política de ser**”. In: **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p. 396-415, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em:

<<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de março de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAVILÁN, Victor Manuel. **El pensamiento en espiral: el paradigma de los pueblos Indígenas**. Santiago, Chile: Ñuke Mapuförlaget; Editor Generali Jorge Calbucura; Diseño gráfico Susana Gentil. *Ebook*, 2012. (Working paper series 40).

GROSGOUEL, Ramón. “**Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

108

MIGNOLO, Walter, D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. In: **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017, p. 12- 32, 2017. Disponível em:

<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 07 nov. 2018.

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia. In: **Revista IXCHEL**. Volúmen I, San José, Costa Rica, 2009, p. 1-22. Disponível em: http://www.revistaixchel.org/attachments/047_Habitar%20los%20dos%20lados%20art%20Walter%20Mignolo.doc%29.pdf – acessado em: 30 de maio de 2013.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

NOLASCO, Edgar César. “**Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas**.” Acervo do autor. p. 1-22, 2019, texto no prelo. (Acervo do autor).

NOLASCO, Edgar Cézár. “A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço”. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar Cézár; GUERRA, Vânia Maria Lescano; FREIRE, Zélia R. Nolasco dos S.. (Orgs.). **Fronteiras Platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)**: biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literatura de fronteira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 65-93.

NORONHA, Marina Maura de Oliveira; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “Corpos roubados nos saberes do ensino de Arte”. In: **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p. 417-437, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em:

<<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de março de 2019.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder e classificação social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade, poder, globalização e democracia”. In: **NOVOS RUMOS**. Ano 17, nº 37, 2002, p. 4-28. Disponível em: <http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192> – acessado em: 14 de maio de 2018.

SANTIAGO, Silviano. “Vídeo de divulgação de relançamento **Uma literatura nos trópicos** (1978)”. In: **Suplemento Pernambucano**, 2018, 6m15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sxv8GgNrLQ> – acessado em: 18 de fevereiro de 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologia do sul**. São Paulo Cortez, 2010, 84-130.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

TURINO, Célio. “Prefácio”. In: BAZÁN, Iván Nogales. **La descolonización del cuerpo**: arte que se hace abrazo. Fundación Cultural BCB, La Paz, Bolivia, 2013.

Artigo Recebido em: 17 de agosto 2019.

Artigo Aprovado em: 26 de setembro de 2019.